



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegraphico: Tullhoba-Lisbon — Telefone 8339 C.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A GREVE GERAL DOS TRABALHADORES DOS JORNAIS

BRAVO.

Os redactores, informadores, revisores, tipógrafos e distribuidores dos jornais, iniciaram com nobreza e energia o seu movimento de repulsa à afrontosa nota oficiosa das empresas jornalísticas.

Os trabalhadores dos jornais publicaram ontem à noite um excelente diário noticioso *A Imprensa de Lisboa*, que foi disputado avidamente pelo público, e hoje publicaram uma edição matutina ao mesmo jornal.

Numa reunião magna, extraordinariamente concorrida e cheia de animação, efectuada na Associação dos Caixeiros, jornalistas, gráficos e distribuidores dos jornais, unidos, conscientes e dignos, mostraram-se compenetrados do seu dever e firmemente dispostos a manter o seu movimento, que constitui para eles uma causa de honra.

E dessa união há de resultar sem dúvida a vitória do seu movimento.

A nota oficiosa das empresas jornalísticas

A missão da imprensa...

A's reclamações apresentadas pelos trabalhadores de imprensa, quadros tipográficos e distribuidores de jornais, respondeu a comissão delegada das empresas jornalísticas que as não atendiam por motivos óbvios.

Não se discutiram as reclamações, não se procurou chegar a um entendimento, antes pelo contrário, procurando-se ludibriar a opinião pública com a publicidade dum documento cheio de falsidades e insidias, precipitaram-se os acontecimentos, provocou-se a eclosão do movimento grevista.

Seja assim. Está escrito que entre nós todas as reclamações operárias são serias saídas num estado conflituoso das duas partes. Seja assim, repetimos. Aceitamos os factos tais como eles se apresentam.

Permitiu-se a comissão delegada das empresas jornalísticas acusar as classes em luta de quererem invadir as atribuições das direcções dos jornais por reclamar que nenhum empregado das ditas empresas fosse despedido sem motivo justificado; que entre algumas das classes em greve nada existe de comum sob o ponto de vista dos seus interesses pecuniários e condições de trabalho; que a presença na comissão delegada das classes em greve dum redactor de *A Batalha*, órgão da Confederação Geral do Trabalho, revela o intuito de querer colocar sob a pressão deste organismo operário toda a imprensa de Lisboa.

Desculpas tolas e banais a procura de encobrir a falta de tacto político dos delegados das empresas jornalísticas para conduzirem a sua acção de resistência.

Nada mais natural que o operariado procure, por todos os seus meios de acção, assegurar a estabilidade de emprego dos seus membros. Quando a média do custo da vida para uma família operária ascende a 9800 por dia, não é positivamente uma brindeira estar sob a ameaça do desemprego por qualquer birra do patrão ou dos seus delegados. Esta reclamação do desemprego, sem justa causa, não é qualquer novidade, mesmo entre nós, como julgamos os delegados das empresas jornalísticas. É legítima e se não a fosse era necessária, razão suficiente para mantê-la.

Nos sabemos. «Eu proprietário do jornal» — dizem os delegados das empresas — tenho o direito de manter ou não manter no meu jornal quem muito bem me aprobei, sem atender a outros motivos que os determinados pela minha vontade.

O direito modifica-se e nós não ocultamos que pretendemos modificá-lo de harmonia com os nossos interesses, os interesses do operariado. A razão cria a força, a força modifica o direito.

Pasmam os delegados das empresas jornalísticas da solidariedade de classes que até hoje se apresentavam desunidas. É que isto caminha. Algum dia havia de ser. Todos os trabalhadores que laboram sob a jurisdição dum mesmo patrão, seja qual for a sua natureza, têm interesses ligados em oposição aos interesses patronais. Isto é claro como água só o não vendo quem é cego por escassez de inteligência.

Mas... vale a pena transcrever de novo este trecho dos gratiosos delegados das empresas jornalísticas, espantados da solidariedade de redactores, gráficos e distribuidores de jornais, num pensamento comum:

«A admittir-se uma tal coligação, a imprensa de Lisboa deixaria de representar as diversas correntes da opinião pública e cada jornal não poderia assegurar-se da facilidade de manter a orientação que a sua direcção entendesse de»

A atitude dos trabalhadores de jornais

Mantêm-se unidos e compenetrados do seu dever sendo iniciada a publicação do seu órgão *A Imprensa de Lisboa*

Em consequência da greve dos redactores, tipógrafos, revisores e distribuidores dos jornais, só se publicaram ontem de manhã os jornais *A Batalha* e *O Jornal do Comércio* e *da Colónia*, e à tarde *O Tempo*, estes dois últimos em virtude das respectivas empresas terem negociado com os reclamantes, prometendo o primeiro aumentar ao seu pessoal e concedendo o segundo 50 %, conforme o acordo que abaixo publicamos.

A noite, os trabalhadores dos jornais iniciaram, com grande êxito, a publicação do seu órgão, *A Imprensa de*

sem outra preocupação que não seja a de servir os interesses gerais. Os jornalistas que colaboram neste jornal, apesar de muitos deles, nos jornais em que estavam trabalhando, não poderem dar livremente expansão ao seu pensamento e ao seu desejo de serem úteis à população, julgamos que não teriam perdido o hábito de escrever a verdade, sem a cobrir com nenhum disfarce, no sabor de quaisquer indicações e sugestões.

Mais do que nunca, a nossa pena se sente livre e deia, vamos procurar fazer um uso honesto, sendo a nossa maior aspiração que ela não sirva apenas a causa da nossa classe, simples e accidentada na vida nacional, mas principalmente os altos interesses da colectividade.

Não pertence a *Imprensa de Lisboa* a nenhum partido político e procura-se manter-se afastada das paixões sectaristas, que tem sido um dos males da nossa vida social. Para nós, portanto, a justiça a quantos dentro ou fora dos partidos, cooperem sinceramente para o levantamento moral e económico do país, e aqui dará acolhida às opiniões sinceras de quantos procurarem servir-se deste jornal como duma tribuna para melhor comunicarem com o público. Quer isto dizer que a *Imprensa de Lisboa*, sendo o órgão dos trabalhadores de jornais, não ficará com uma restrição a uma parte minúscula da colectividade.

Não pertence a *Imprensa de Lisboa* a nenhum partido político e procura-se manter-se afastada das paixões sectaristas, que tem sido um dos males da nossa vida social. Para nós, portanto, a justiça a quantos dentro ou fora dos partidos, cooperem sinceramente para o levantamento moral e económico do país, e aqui dará acolhida às opiniões sinceras de quantos procurarem servir-se deste jornal como duma tribuna para melhor comunicarem com o público. Quer isto dizer que a *Imprensa de Lisboa*, sendo o órgão dos trabalhadores de jornais, não ficará com uma restrição a uma parte minúscula da colectividade.

Se bem que já estivesse de antemão planeada, a resolução de se publicar ontem mesmo o órgão dos trabalhadores de jornais foi tomada numa reunião da comissão executiva do movimento pró-aumento de salário, efectuada às 13 horas! E só quem possa fazer uma ideia da complicada engrenagem de um jornal poderá avaliar o hercúleo esforço, que só uma vontade máxima pode realizar, que representou o aparecimento de *A Imprensa de Lisboa* ao cair da noite, tendo começado os seus obreiros a trabalhar às três horas da tarde!

Nas oficinas de *O Combate*, postas galhardamente à disposição dos grevistas, vimos redactores de todos os jornais, dos mais categorizados, trabalhando com dedicação e amor, tendo-se apresentado pessoal gráfico em número superior ao que as condições da tipografia podiam suportar.

A's 18 horas, como adiante narramos, realizou-se uma reunião magna dos grevistas na Associação dos Caixeiros, que esteve imensamente concorrida e que decorreu cheia de entusiasmos.

Quando a defeecção, entre o pessoal gráfico não se verificou nenhuma, limitando-se quasi aos chefes e a uma meia dúzia de jornalistas que as empresas mantêm por favor, os *amarelos* de entre o pessoal das redacções.

A declaração que uma parte das empresas jornalísticas redigiu e que determinou o levantamento do pessoal dos jornais onde ela estava sendo composta, a comissão encarregada de defender as reclamações dos redactores, gráficos e distribuidores respondeu com uma nota oficiosa, em que se repudia a afirmação de que a imprensa de Lisboa se encontra subordinada à Confederação Geral do Trabalho pelo facto de o pessoal dos jornais a esta instituição estar submetido por intermédio dum seu representante, e que os corpos redactorias a ela se encontram enfiados.

«Compreende-se — diz a nota — a intenção de procurar colocar-nos perante o público numa atitude anti-patriótica, como se o público ignorasse que o maior constrangimento que a liberdade de imprensa tem tido e precisamente o que lhe tem feito, não os jornalistas nem o demais pessoal que compõe o trabalho dos jornais, mas as próprias empresas, a maior parte das quais se preocupam muito menos com a opinião pública e defender os altos interesses colectivos de que defender os seus interesses particulares. Nenhum de nós está enfiado na Confederação Geral do Trabalho, que é uma instituição livre, que não contra a nenhum dos seus associados a liberdade de pensamento e a apenas a conservar a estranha, ou neutra, em face da diversidade das concepções políticas, económicas ou filosóficas dos seus membros. E por isso não nos dá o direito de nos apresentarmos perante o público como os representantes de uma instituição que não é a nossa.

Por outro lado, o jornal *A Vanguarda* publicou no seu número de ontem a declaração seguinte:

«Exceptuando *Abalata* e *O Jornal do Comércio*, suspenderam hoje a sua publicação os jornais da manhã.

Essa suspensão está indicada num documento, datado de 15 do corrente.

As empresas recusaram-se a cumprir o acordo assinado por *A Vanguarda*. Este senhor encontra-se fora de Lisboa, desde o dia 5 do corrente e só regressará no dia 22 ou 23.

Alguns convites a ele dirigidos e firmados pelo sr. Manuel Guimarães e Hermano Neves foram recebidos e a eles respondeu o sr. António Maralhas, jornalista, representante do nosso director nos negócios administrativos, que este senhor não poderia comparecer pelo motivo alheio citado.

Do surgir o referido documento das empresas figura o nome do sr. Luís Derouet, em nome do sr. Pedro Maralhas, pela *Vanguarda*.

Não temos conhecimento de qualquer autorização para tal feita pelo nosso director. Além disto facto e em conformidade com o n.º 2 do documento das empresas não nos julgamos comprometidos a suspender o jornal, pois o seu pessoal não se pôs em greve, motivo porque *A Vanguarda* continua na sua marcha normal.

Um facto há ainda a registar: *O Jornal do Comércio*, que por ter negociações pendentes com a comissão dos trabalhadores dos jornais, saiu ontem, não se publicará hoje, em virtude de os accionistas da empresa proprietária, instigados pelas necessidades das empresas jornalísticas, se terem oposto à sua publicação contra a vontade do administrador e director do jornal que, no entanto, prometeu ao seu pessoal pagar-lhe enquanto durar a suspensão.

Uma reunião magna dos grevistas

Os respectivos quadros redactorias e tipográficos dos jornais suceder-se não na factura do órgão diário dos trabalhadores

A's 18 horas em ponto, como estava anunciado, iniciou-se a sessão magna dos trabalhadores dos jornais, na sede da Associação dos Caixeiros.

A sala encontrava-se repleta. O delegado dos Trabalhadores da Imprensa, em nome da comissão, expôs os trabalhos da mesma e explicou a atitude as-

OPTIMO!

Entre as empresas jornalísticas começa a haver dissidências.

O Tempo chega a acordo com o pessoal, concedendo-lhe 50 % de aumento. *A Vanguarda* declara não ter o seu director autorizado ao sr. Luís Derouet a assinar por ele a deprimente nota oficiosa das empresas. O director e o administrador do *Jornal do Comércio*, forçados pelos accionistas, a suspender o jornal, prontificam-se a continuar pagando ao seu pessoal.

O bloco das empresas tentou publicar à noite um jornal colectivo: *O Jornal dos Jornais*, mas a folha não apareceu por falta de noticiário e pela incompetência dos gráficos *amarelos*, de nada lhe valendo os ignóbeis expedientes de aliciamento e de suborno postos em prática.

Como se vê, as empresas não se entendem e não de capitular perante a união dos trabalhadores.

A arte e os artistas

Os nossos pintores teem "ateliers" na lua: desco-

nhem o que vai pela Terra

São cinco os artistas que expõem neste momento na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Não são nenhuns génios nem coisa que se pareça, nem são também desajetados como alguns me-ninos bonitos que por aí gozam fama de artistas. Todos eles possuem qualidades apreciáveis, o que não impede que dos 56 quadros expostos apenas uma dúzia seja aproveitável.

O sr. Adriano Costa, que sóinho apresenta mais trabalhos do que os restantes colegas, todos juntos, podia ter deixado em casa um terço da sua produção. O sr. Adriano Costa, não é um mau pintor; no entanto, mostra-nos quadros insignificantes. Mas se examinarmos esses quadros, encontramos talvez, uma boa qualidade em cada um.

Se o sr. Adriano pintasse menos e se esmerasse mais não obteria melhores resultados? Na *Casa Vermelha* há realmente um efeito de sol bem interpretado; porém, o horizonte é scenográfico. *A Alameda* revela bom gosto, correcção e certa segurança de técnica. *Salinas*, que quasi nos ia passando despercebido, vale alguns minutos de observação; aquele colorido quasi bizarro é verdadeiro.

João Costa dá-nos a impressão de estar convencido de possuir queda especial para as flores. Seria bom que lhe tirassem essa ilusão. Se o sr. João Costa, num momento de calma, examinasse o seu quadro *Sorrisos e Flores*, verá, como nós, que se os sorrisos da figura, proveem da dureza das pinceladas dadas nas faces e da má ligação de tons, as rosas apresentam extraordinárias parelhas com as flores de papel que costumam ornar os altares da provincia. Outro tanto acontece com a tela intitulada *Rosas*.

Jardim de Quindus quasi satisfaria se o autor não tivesse tido a infeliz ideia de nele colocar, à força, uma figura de mulher, numa pose mal estudada e de faces por lavar. Quanto ao resto: efeitos de luz aproveitados com arte, ambiente e pincelada, são razoáveis.

Albertino Guimarães tem um quadro agradável à vista e ao sentimento do espectador: *Melanolia*. A paisagem é banal — o cemitério e o pôr do sol. Porém, a originalidade da cor e a verdadeira melanolia de que está impregnado merecem aplausos. Sente-se tristeza ao fitar as árvores banhadas pelos derradeiros raios solares. É claro que não chegamos a chorar... O seu outro quadro, *Entrada da quinta*, forma um verdadeiro contraste com o primeiro. Um — *Melanolia* — é todo incerteza, esbatidos e misterio; o segundo constitui algo de mais preciso, mais real. Neste a visão da cor é nítida e as perspectivas bem marcadas. Respira a rudeza forte da provincia.

Alberto Lacerda é o excelente retratista que se afirma mais e mais em cada

M. D.

Falta de pão

O operariado de Almada abandona o trabalho em : : : sinal de protesto : : :

A Companhia Aliança, de Almada, tem-se negado a fornecer farinha de 2.ª qualidade no intuito de obrigar ao consumo da de 1.ª. Por esse facto há três dias que falta o pão naquel localidade.

O operariado local, em virtude de tal especulação, não trabalhou ontem em sinal de protesto e é natural que, a não serem tomadas medidas energicas contra os provocadores desta situação, o protesto vá mais além.

A União dos Sindicatos Operários de Almada, lavrou o seu energico protesto contra os maneios da Companhia Aliança, e para apreciar tal grave assunto, reúne hoje, às 20 horas, o conselho de delegados.

O protesto do povo

Ontem, grande multidão reuniu em frente à Câmara Municipal, protestando indignadamente, falaram vários operários, e o administrador do concelho, que também fez uso da palavra, prometeu dar uma resposta às 13 horas. Quando aquela autoridade apareceu eram 15 horas, que disse nada ter conseguido do ministro respectivo.

A exaltação dos ânimos é grande, tendo paralisado todas as classes, incluindo os trabalhadores rurais, não havendo memória dum movimento idêntico, naquela localidade.

O comércio encontra-se fechado e a fábrica foi tomada por forças da guarda republicana a cavalo e a pé. A administração do concelho foi entregue à autoridade militar por o administrador haver recebido ordens nesse sentido.

As manigâncias da moagem levam o povo ao desespero e depois é o mesmo povo acusado de inimigo da ordem, quando ele não faz mais que reclamar o pão que lhe falta.

C. G. T.

Secção das Uniões dos Sindicatos

Os delegados que na C. G. T. representam as Uniões de Sindicatos do país e que constituem a secção confederal das Uniões, devem reunir hoje, pelas 21 horas precisas.

Conselho Jurídico

Ai mesma hora reúne o Conselho Jurídico.

